

TONA BLAFOX
ROSE

SERES SOTURNOS

SERES SOTURNOS

© Copyright 2003, por Tina Black Rose

A reprodução desta obra só é permitida se o texto se mantiver inalterado, em seu formato original e não seja aproveitado para fins lucrativos.

A cópia ou qualquer outro tipo de transação dessa obra está expressamente proibida, sujeito à penalidade prevista por lei.

SERES SOTURNOS

Prefácio

Esta pequena coletânea de contos é inspirada pelos Seres Soturnos que vagam pela calada da noite, seja à procura de um ideal, uma auto-afirmação ou somente para trazer um pouco mais de brilho à nossa rotina.

São seres belos, enigmáticos, rebeldes, misteriosos, corrompidos... instigantes.

Essa obra, impressa, não passaria de um pequeno porém atrativo livro de bolso. Mas como se transformou em um e-book, de qualquer maneira não se tornará uma leitura cansativa.

Deixe-se levar pelo mundo caótico destes seres. Seres que muitas vezes esbarramos sem querer pelas ruas e também os que existem apenas no imaginário.

Seres Soturnos.

Tina Black Rose

SERES SOTURNOS

Os momentos mais ruins em um hospital são os da noite. É quando o silêncio impera, ou quando o som agonizante da correria das emergências adentra com crueldade. Tudo o que é obscuro parece acentuar-se ainda mais com a escuridão.

Mandaram colocar uma cama especialmente pra mim ao lado da janela, o que julguei desnecessário, afinal, desde que chegara lá, adquirira uma insônia crônica. Na verdade, acreditava que uma poltrona seria o suficiente para observar sentada os dias cinzentos de Curitiba amanhecerem.

Morava nesta cidade com meu irmão desde que minha mãe falecera num acidente em Santa Catarina, há aproximadamente um ano e, apesar de estar tanto tempo nela, não a conhecia muito bem e nem pude desfrutar do que havia de bom para oferecer, se é que havia. Poucos meses após o falecimento de mamãe, assim que completou vinte e cinco anos, Marcelo passou a morar no hospital e, conseqüentemente, eu também.

Meu irmão era mais um dos tantos que estavam na fila em busca de um novo coração. Enquanto isso não era possível, contávamos os minutos e nos confortávamos com o amor que havia entre nós. É estranho como a gente descobre a força que há em nosso interior nos momentos trágicos. A doença de Marcelo me fez ver a capacidade que possuía, o quão poderosa era interiormente.

Aos dezesseis anos abdiquei de quase tudo a que tinha direito nesta idade, só para estar ao lado dele, sem arrependimentos. Meu irmão era tudo. Era minha vida.

Mas como não se pode ser imbatível as vinte e quatro horas do dia, muitas vezes me via impotente diante da imagem daquele ser tão jovem, pálido, entevado naquela cama com aqueles tubos enfiados em suas narinas, lutando pela vida. Via que seus sopros de vida esvaíam-se aos poucos, mas eu precisava... Precisava ser forte!

Certa noite, enquanto lia uma matéria no jornal de dois adolescentes que foram pegos assaltando um banco de sangue, atirei o papel ao chão, enojada. No mesmo instante, desviando os olhos para a direita, deparei-me com um pequeno grupo de góticos parados ao meio-fio. Não me eram estranhos. Vestidos sempre de preto, com aquela expressão apática e maquiagem mórbida no rosto, aqueles seres soturnos sempre rondavam o hospital. Nunca acreditei muito nessa história de que poderiam ser vampiros, mas após vê-los quase todas as noites por ali e tendo acabado de ler aquela matéria, um calafrio percorreu minha espinha. Olhei para Marcelo, ele dormia profundamente.

Apesar de não gostar muito de Curitiba, o lugar não era de todo ruim. Havia gente muito boa ali. Conheci cinco garotos e duas garotas da minha idade que rapidamente fizeram com que me tornassem do seu grupo. Eram pessoas com o mesmo espírito de aventura que o meu. Aprontávamos muito, principalmente com a lei. Mas coisa pouca, como desacato à autoridade e pequenos atos de vandalismo. Coisas que me faziam espairar um pouco a cabeça da dura realidade.

Assim que mais um dia cinzento amanheceu, Marcelo não parecia nada bem, estava mais pálido do que de costume e apesar da expressão nada animadora no rosto do médico, ele disse para não me preocupar.

À tarde, meus amigos me esperavam na porta do hospital. Quando isso acontecia, já sabia o que era. Um dos garotos namorava uma residente e, como eu tinha praticamente livre acesso a quase todas as dependências do hospital, ela sempre me passava as drogas

(anfetamina, Valium, etc.) embrulhadas num pano branco, dentro de uma sacola, para entregar ao namorado. Era um sufoco, mas divertido.

Passei o dia normal, passeando, bebendo, me divertindo. No início da noite, ao entrar no hospital, percebi um movimento inusitado no corredor e no quarto de Marcelo. Sentindo o corpo formigar e com o coração preste a saltar pela boca, minhas pernas correram o mais rápido que puderam. Ele estava adormecido e os tubos não mais se encontravam em suas narinas. Meu irmão... não podia ser!

— Sinto muito. — disse o doutor, compadecido, tocando meu ombro — Seu coração já não pôde mais suportar.

O mundo desabou sobre minha cabeça.

Entre idas e vindas no preparo do funeral e tudo mais, uma das enfermeiras me confessou que haviam conseguido um coração justamente naquele dia, mas que não sabem o que aconteceu. Ela desconfiava de roubo, como fizeram no banco de sangue, pois não era a primeira vez que um órgão sumia sem mais nem menos. Muitas pessoas estranhas entravam e saíam do hospital. Com muita revolta, pensei imediatamente naqueles góticos.

Três dias após o enterro, estava profundamente deprimida. Meus amigos faziam de tudo para me animar, mas minha vida não tinha mais sentido.

Foi então que um deles teve a idéia de me contar a respeito de uma herança que esperava por mim. Herança? Estranhei. Minha família nunca tivera nada. Ele disse que eu a merecia pela ajuda que tinha prestado. Bem... cada vez entendia menos, mas os acompanhei.

Fui conduzida a um bairro afastado do centro da cidade, um quarto e sala que mais parecia... um laboratório!

Em cima de uma mesa, guardados em vidros, mergulhados em formol, havia rins, um fígado e até... um coração.

Estarrecida e, apesar de estar sentindo como se o chão abrisse aos meus pés, pude sentir um maço grande de dinheiro tocar a palma de minha mão e ouvi uma voz dizer: “Essa é sua parte”.

Não lembro o que veio depois. Lembro apenas de ter corrido debaixo da maior chuva, não tendo a menor idéia para onde ir.

Sem querer, matei meu irmão.

O CHAMADO

Henry recebeu um telefonema em meio da madrugada, mais precisamente às duas horas e ficou agitado. Caminhou pela sala por vários segundos com uma porção de coisas na cabeça, até que num ímpeto, desligou a TV.

Sua agitação era causada por uma forte ansiedade, uma expectativa muito boa, mas que não evitava com que ele sentisse os nervos à flor da pele. Mordendo o lábio inferior tão forte a ponto de quase fazê-lo sangrar, apanhou seu longo casaco preto (pois fazia bastante frio) e saiu, apressado.

Enquanto olhava para o relógio de ouro que carregava em seu pulso e tomava cuidado para não escorregar na umidade que cobria as calçadas e o asfalto das ruas de Londres, um sino tocou ao longe. Sem prestar muita atenção e nem se dar conta de que era inconcebível haver alguma missa naquele horário, ele seguiu em frente.

Quando seus passos alcançaram o portão de entrada do cemitério, que naquele momento achava-se fechado, não resistiu e parou.

Henry era um verdadeiro amante da escuridão. Apesar de não pertencer a nenhuma tribo urbana por se sentir meio velho (carregava em volta de seus olhos azuis finas linhas de expressão que caracterizavam seus trinta e dois muito bem vividos anos) e com a mentalidade amadurecida demais para isso, ele fazia bem o estilo neogótico.

Sempre vestido de preto, cor que acentuava ainda mais sua estatura alta e magra e realçava o tom pálido de sua pele alva, costumava visitar os lugares mais exóticos.

Conheceu o Egito, visitou diversos templos góticos abandonados e viajou várias vezes para a Índia e Tailândia, sempre com a obsessiva intenção de desvendar cada vez mais o nobre e oculto mundo sobrenatural.

Mas quando precisava verdadeiramente relaxar, optava pelo trivial. O cemitério.

Era relaxante e divertido. Nas ocasiões em que necessitava de paz e solidão, era ali que encontrava refúgio e nas outras, em que buscava o prazer, não existia lugar tão ideal. Era onde costumava levar suas amantes e perdera a conta de quantas orgias fizeram naquele tão sagrado local, protegidos pelo manto escuro da noite.

É que além da escuridão, Henry era fascinado também pela morte. Tudo o que dizia respeito a ela o excitava, o paralisava! Nos filmes, na música, na literatura... inclusive na vida real!

Adorava assistir a um velório, frequentar funerais, mas nada lhe trazia tanto êxtase quanto presenciar um grave acidente de trânsito e ver a morte assim, de cara, fresca, esparramando seu sangue e seu poder para todos os lados. Ah! Isso era o clímax!

Onde estava a morte, Henry ali se encontrava. E foi em nome desse inesgotável amor que mais uma vez ele fraquejara diante daquele local. Com o coração aos pulos e uma sarcástica satisfação por estar infringindo a lei, escalou o portão e fez-se presente no ambiente de pura morbidez. Tendo uma visão geral pelo ângulo em que se encontrava, não tinha como não observar a tudo encantado. Aquilo era um oásis! O escuro, as velas acesas, as flores sobre os túmulos... o cheiro de morte!

Erika que esperasse, porque não sairia dali tão cedo, com certeza.

Erika... Eis mais uma de suas paixões. Depois da morte e da escuridão vinha ela, aquela mulher. Uma mulher que não era como as outras. Erika era encantadora, um encanto sombrio, tanto quanto sua personalidade.

Ao conhecer Erika num funeral, Henry sentiu dentro de si como se houvesse encontrado a outra parte de sua alma, antes incompleta. Henry e Erika eram parecidos em tudo, até fisicamente! Os olhos de um tom azul escuro, os lábios carnudos, os cabelos negros contrastando com a brancura doentia da pele e o sinistro fascínio pela morte. Eram almas gêmeas.

Inesperadamente, Henry percebeu um movimento por trás de uma das sepulturas. Curioso e com um certo receio, avançou e deparou-se com algo que não esperava. Lá estava, sentada sobre um dos túmulos, uma linda mulher vestida de branco.

Quem seria? Ele se perguntava. O que uma mulher estaria fazendo sozinha em um cemitério àquela hora da noite? Seria mais uma admiradora do sombrio como ele e sua amada? Mas, por que estava vestindo branco ao invés de preto? Era um mistério.

Sem se preocupar com a fidelidade que vinha tendo com Erika durante as duas últimas semanas, Henry caminhou até aquela rara beleza.

De perto ela parecia ainda mais bonita. Os cabelos negros e ondulados desalinhavam-se por cima de seus ombros e costas, sua palidez e seus olhos verdes reluziam na escuridão. No entanto, o que mais o atraía era um ar de inocência que trazia em seu semblante.

Calada, sem falar uma palavra sequer, ela pôs-se de pé e gentilmente enlaçou-o pelo pescoço. Henry fechou os olhos e sentiu aquela ternura... e aquela forte mordida! Uma mordida que lhe aqueceu o corpo de tal forma que fez com que seu sangue corresse a mil por hora. Seu coração disparou de tal maneira que... parou. Antes que caísse na total inconsciência, pôde ver os olhos quase brancos de tão claros da mulher, fulminando-o, e seu sangue correndo pelos cantos de seus lábios.

“Você pediu”, ele a ouviu dizer enquanto fechava os olhos e despertava para a morte.

Abrindo-os e sentindo o frio da umidade que a nevasca provocava umedecendo seu corpo, Henry sentou-se, assustado. Olhou ao redor, o cemitério vazio. Fitou o relógio e viu que ele já marcava três horas da manhã. Levantando com cuidado e dando uma última olhada na paisagem, meneou a cabeça.

Tinha caído no maior sono! E que pesadelo, não? Era isso que dava assistir tantos filmes de terror, chegou a conclusão de que devia dar uma pausa, afinal, isso não estava fazendo muito bem para sua cabeça. Mas, o que é que curtia que não lhe fazia mal?

Erika! Lembrou-se. Erika devia estar furiosa. Já fazia mais de uma hora que havia telefonado combinando de ir buscá-la em sua casa e ficou marcando bobeira no cemitério. Escalando o muro de volta para a rua, apressou-se a tomar o rumo de sua casa. Se bem que, provavelmente, o destino deles seria o mesmo. Estava certo de que voltaria ali, àquele cemitério, ainda naquela noite, para desfrutar de muita luxúria junto com sua amada.

No meio do caminho, quando quase chegava, sentiu uma dor terrível, semelhante a uma punhalada, no estômago. Teve que parar para suportá-la. Um rapaz loiro, de cabelos lisos e compridos, vestindo um jeans azul, passou por ele e fixou-o com curiosidade. Seu desespero era tanto que por pouco não agarra o garoto para poder se apoiar. Foi mesmo por pouco...

Mas estava perto, mais alguns passos e chegava até Erika. Até a sua Erika.

Com dificuldade e meio encolhido, caminhou umas duas quadras e subiu a escadaria que levava ao segundo andar do edifício onde ela vivia. Ofegante, apertou a campainha incessantemente. Erika prontificou-se a atender a porta o mais rápido possível e ao deparar-se com o namorado naquele estado, se assustou.

— Henry, você está mais pálido do que de costume. O que foi que aconteceu? Por que demorou tanto? – indagou pousando a mão sobre um de seus ombros.

Esquecendo de desculpar-se pela demora ou pedir licença, entrou e se jogou no sofá.

— Quer beber alguma coisa? – ela perguntou com a testa franzida, caminhando até a pequena adega que havia em sua sala decorada em estilo gótico. – Acabei de preparar um Bloody Mary pra gente. Só que... até achei que você não viesse mais.

Dando as costas sem esperar por um consentimento, encheu duas taças do seu Bloody Mary. Henry a fitava com o canto dos olhos, faiscando. Vagarosamente, levantou e caminhou até ela, enlaçando-a por trás. Sentindo um arrepio por todo o corpo, Erika sorriu e fechou os olhos, desfrutando de toda aquela ternura...

“Você me chamou”, ele disse com os lábios cheios de sangue.

CANÇÕES DE NINAR A MORTE

I

“Dorme, meu filho
Pare de chorar
Sua mamãe
Estará aqui até o sono chegar...”

— Quem está cantarolando isso?

A suave canção de ninar ecoava pela casa dos Williams repetidamente. Era como se aquela doce voz feminina caminhasse cuidadosamente por entre os cômodos, um a um, da enorme mansão.

— É minha mãe cantando para a minha irmãzinha dormir, Daniel. – explicou Gloria, enquanto servia o milk shake de chocolate para seu novo amigo Daniel.

— Você não me disse que tinha uma irmã. – acusou o menino.

— Eu ainda não te disse muitas coisas. – garantiu a garota, sorridente, sentando-se à mesa junto com o colega.

Os dois estavam na cozinha clara e ampla onde a porta dos fundos ficava de frente para a praia. Acabavam de chegar do primeiro dia de aula, era um fim de tarde de fevereiro extremamente caloroso. Sentados de frente um para o outro, tomavam milk shake e apenas se olhavam, como todas as pessoas que acabam de se conhecer, tem muito a dizer, mas não sabem como.

Gloria era a primeira filha que os Williams tiveram, uma adorável menina de doze anos, muito mais adorável do que ela própria desejava ser. Apesar da pouca idade, aparentava ter mais de quinze. Talvez por causa do seu costume de vestir-se como uma pessoa adulta, estava sempre de salto, vestidos longos com estampas vivas e alegres e uma maquilagem pouco leve para os poucos anos que trazia no rosto. Sua altura também contribuía um bocado para isso, afinal, quantas garotas atingem os 1,75 aos doze anos?

Mas não era somente na aparência que Gloria destacava seu amadurecimento. Seu interior acompanhava o exterior. Desde cedo fora uma garota muito madura. A idéia que teve aos nove anos de sair da Irlanda para vir à América do Sul partiu dela! Um orgulho que carregaria para toda a vida, afinal, tal idéia foi acatada pelos pais e pôde salvar suas vidas, pois os conflitos entre católicos e protestantes de sua terra natal poderiam ter custado a vida de sua família.

— Está gostando do milk shake? – Gloria perguntou tentando quebrar o silêncio. Daniel limitou-se a assentir com a cabeça, mas mal tocava no milk shake.

Para descontraí-la, ela começou a falar um pouco sobre as férias que passara no sul do país, os acontecimentos do primeiro dia na escola, a impressão que teve dos professores, a saudade que matara dos velhos colegas, a curiosidade a respeito dos novos, coisas do cotidiano. Embora Daniel estivesse aparentemente ouvindo o que dizia, parecia atento a alguma coisa. Gloria achou estranho e sentiu-se até um pouco incômoda, a impressão que dava é de que ele não queria que o silêncio tivesse sido quebrado.

— Vocês são em quantos aqui? – ele finalmente, disse alguma coisa.

— Somos cinco, meu avô, minha avó, minha mãe, meu pai e eu. – contou aliviada, já estava se achando uma chata de ser a única a tagarelar.

— São seis. – corrigiu – Está esquecendo da sua irmãzinha?

Gloria levou as mãos à cabeça, rindo. Desconfiado, ele a fitou com o canto dos olhos e brincou:

— Hum... isso está me cheirando a ciúmes!

— Ciúmes?! – riu sentindo-se uma tonta – Lógico que não. Eu ajudo a cuidar dela e tudo! É que ela é tão nova no pedaço que às vezes até me esqueço que é um membro da família.

— Sei...

E o silêncio mais uma vez predominou na cozinha. Um silêncio que nunca reinava em absoluto devido à infundável canção de ninar.

— Ela deve ser bonitinha. – ele deduziu, pouco tempo depois, armando um sorriso nos lábios.

— Ela é linda! – afirmou entusiasmada – Quer vê-la?

— Agora?

— Claro.

— Não... – hesitou – Não sei se seria uma boa idéia. Sua mãe tá tentando fazê-la dormir e depois ela nem me conhece ainda, como é que eu vou invadir assim sua casa?!

— Bobagem. Vamos lá!

Antes que pudesse hesitar ainda mais ou dizer o que quer que fosse, Daniel já estava sendo arrastado pela mão. Atravessaram com rapidez a sala e subiram a escadaria de carpete marrom escuro. Uma coisa que ele percebeu de cara é que, apesar da casa estar situada na América Latina, ela tinha todo um ar europeu, o que o fez refletir que não é o lugar que faz o ambiente, mas sim, as pessoas que vivem nele.

À medida que subiam os degraus, a canção de ninar ia se tornando mais alta. Gloria o conduziu até a segunda porta à direita do corredor, uma porta de madeira pintada de azul claro, escancarada para trás. Na ponta dos pés, com cuidado para não fazer barulho, ela entrou devagarzinho no quarto. Daniel preferiu parar na entrada mesmo, recostando-se no umbral também pintado de azul.

A canção de ninar, agora muito mais presente, era hipnotizante. A imagem da jovial senhora loira, sentada de costas, balançando suavemente o berço da criança e cantando aquela canção repetitivamente causava um efeito tranqüilizante em seu corpo. Daniel fechou os olhos e acreditou que poderia adormecer daquele jeito mesmo, de pé, tamanho poder havia na docilidade daquela melodia.

— Mãe, quero te apresentar meu novo amigo, que conheci na escola. – Gloria cortou a magia num tom de voz moderado, para não acordar o bebê que já estava adormecido no berço.

Sorridente, a senhora virou-se para Daniel, que percebeu que ela era muito parecida com a filha, apesar do azul dos olhos não ser tão claro. Mas os cabelos loiros e longos, o nariz, a boca, eram idênticos.

— Mãe, esse aqui é o Daniel. Daniel, essa é minha mãe, Suzanna. – apresentou-os.

— Entre, Daniel! – pediu com entusiasmo D. Suzanna, percebendo a timidez do garoto.

Sentindo-se pouco à vontade, mas fazendo um esforço para mostrar-se firme, Daniel, sério, apertou a mão da simpática senhora e a cumprimentou. Mas a demonstração foi por água abaixo assim que a tocou.

— Nossa, menino! Você está com as mãos geladas! – observou em tom de brincadeira, fazendo-o ruborizar.

— Ele não queria subir, mãe. – dedurou Gloria – Acho que está meio sem jeito.

— Oras, mas por quê?

— Ah... sei lá. – Daniel sacudiu os ombros – Mal acabo de conhecer a sua filha e ela já me obriga a invadir assim sua casa. Não me sinto bem. Não foi dessa maneira que me educaram.

— Que besteira! – exclamou D. Suzanna achando aquilo tudo uma graça – Nós não temos essas formalidades aqui em casa, não. Já pegamos a melhor qualidade dos latinos que é a hospitalidade. A porta da minha casa está aberta para todos os amiguinhos de minha filha.

— Não disse, Daniel? – Gloria piscou para o amigo que, apesar de tudo, permanecia sério.

D. Suzanna apaixonou-se de cara pelo novo colega da filha. Achou bastante irreverente seu visual, não era costumeiro ver os garotos usarem coturno, camiseta de manga longa branca e gorro preto na cabeça num clima tropical como aquele. A única peça usual que trajava era a bermuda abaixo dos joelhos. Reparou também que trazia consigo, no ombro esquerdo, uma grande mochila de escoteiro verde.

Daniel não parecia ser filho de gente pobre, nem podia, estudava numa das melhores e mais caras escolas do Rio de Janeiro. D. Suzanna achou-o lindo, a combinação da pele rosada, os cabelos castanho-escuros e ondulados que saltavam com rebeldia debaixo do gorro, os olhos verde-escuros e os lábios carnudos, juntamente com sua postura, davam-lhe a aparência de um garoto exótico. O par de sobrancelhas empinado acentuava ainda mais seu ar de presunção e autoritarismo. Mas que nada ofensivo, apenas cativante. Ao menos para os olhos de D. Suzanna.

— Ele é americano, mamãe! – Gloria revelou, empolgada.

Aliás, esse foi um dos principais motivos que a instigou a fazer amizade com ele. Fazia muito tempo que não podia conversar fluentemente em seu idioma e, apesar de dominar perfeitamente a língua portuguesa, isso vez ou outra fazia falta. Se bem que o inglês de Daniel era um bocado diferente do seu, não somente no sotaque, mas nas expressões. Daniel falava um inglês moderno, repleto de gírias que aos poucos ela iria aprendendo e acrescentando ao seu linguajar tradicional.

— Sério?! – exclamou D. Suzanna, com entusiasmo. – De que lugar?

— New York City. – respondeu seco, como quem não quer entrar muito em detalhes.

D. Suzanna começou a contar sua história, da mudança da Irlanda para o Brasil, do quanto amava o país que escolhera, do orgulho de já ter até uma filha brasileira, Daniela.

— Daniela? – Daniel, por um momento, deixou a distração de lado.

— Daniel era o nome que mamãe queria dar ao bebê se nascesse menino. – explicou Gloria – Mas como veio menina, teve que ser Daniela mesmo! – elas riram.

— A senhora parece ser uma boa mãe, D. Suzanna. – afirmou Daniel, ainda muito sério.

— Obrigada. – ela mostrou-se lisonjeada com o elogio – Mas não pense que sou só isso, não! – sorriu descontraída – Dou aula na Universidade Federal, para os alunos de Direito.

— Ah... a universidade! – Daniel arrastou a voz, nostálgico, deixando as duas meio perdidas.

Em seguida, começou a observar o quarto detalhadamente, seus olhos contornavam todo o cômodo com uma certa lentidão. As paredes também eram pintadas de azul claro, as cortinas eram azul claro, o teto, o berço, as roupas de cama do berço, a roupa do bebê e até o vestido daquela senhora era azul claro! De repente, os sons externos desapareceram, como se alguém lhe tapasse os ouvidos e todo aquele azul começou a girar ao seu redor. Era uma tontura forte, uma confusão. A canção de ninar latejava dentro de sua mente, sem cessar, como se D. Suzanna ainda a estivesse cantando...

Meneando a cabeça nervosamente, apavorado, Daniel não suportaria mais nem um minuto ali. Saiu correndo escada abaixo, desaparecendo.

— Ué! O que foi que deu nele? – estranhou D. Suzanna. Gloria ergueu os ombros, confusa.

Somente três dias depois Daniel apareceu na escola, no entanto, não se aproximou de Gloria. Ela não entendia o porquê. Tudo bem que ele era um garoto meio fechado, mas nas poucas oportunidades que havia para se aproximar, ele não se mostrava interessado e dava sempre um jeito de arranjar uma escapatória. Seus colegas não cansavam de comentar a respeito das esquisitices daquele novo aluno. “Ele nunca larga aquela mochila verde, você percebeu?”, reparou uma de suas amigas, intrigada. “Acho que nem para ir ao banheiro!” Gloria teve que rir. “Não, é sério!” A garota não parecia estar brincando. Gloria acreditava que eles pegassem muito no seu pé por ser um retardatário. Daniel tinha quinze anos e era inexplicável um garoto tão inteligente como ele estar tão atrasado.

Com o tempo as coisas foram voltando à sua normalidade e Daniel novamente mostrou-se, à sua maneira, mais receptivo para com ela. Agora, sem receios, freqüentava sua casa quase todos os dias, faziam as tarefas juntos, lanchavam, conversavam horas e horas a fio sentados no sofá da sala ao som do cantor preferido dele, David Bowie. Gloria achava seu gosto um tanto antiquado, porém não reclamava. E assim como estava se habituando às músicas, sua família habituava-se à presença daquele garoto ali, junto a eles. D. Suzanna sentia como se tivesse ganhado outro filho. No entanto, Gloria não o via nem um pouco como um irmão...

— Ai, mãe! Acho que estou gostando do Daniel! – Gloria confessou à mãe uma certa noite, em seu quarto, deprimida.

D. Suzanna perguntou se ela já tinha dito isso a ele. Gloria disse que sim, que tinha criado coragem, porque Daniel, mesmo se estivesse apaixonado, introvertido como era, nunca se declararia. Mas a dura realidade é que ele disse que não dava, que eles não podiam ficar juntos.

— Mas por quê? – D. Suzanna tentava entender.

— Ele não disse o porquê. Acho que foi apenas uma desculpa para não me magoar e não ter que me dizer na cara que não gosta de mim.

— Oh, minha filha! – abraçou-a numa tentativa vã de consolo.

Ao contrário do que acontece com muita gente, essa declaração não afetou em nada a amizade dos dois, provando o quanto ambos eram amadurecidos apesar da pouca idade que tinham.

Como é mais do que natural, os membros da família Williams queriam saber mais sobre a vida desse garoto que ia e vinha pelos corredores da casa. Gloria nunca tinha ido a sua casa, ele também falava pouco. Foi quando, numa conversa informal num almoço de domingo, Daniel, mantendo sua mochila no colo, surpreendeu-se com a abordagem de Sr. Robert, o pai de Gloria.

— Então você é americano, de New York, não? – Daniel fez que sim, resabiado. – Porque seus pais decidiram vir para o Brasil?

Sentindo-se pressionado, mas procurando driblar a situação com diplomacia, Daniel disse apenas que não veio com seus pais, mas sim com uns tios, que decidiram vir para o Brasil por, ao seu ver, pura paranóia. Disse que depois dos atentados de 11 de setembro, já não podiam mais viver em paz dentro do seu próprio país.

— E os seus pais? – quis saber D. Suzanna.

Daniel não esperava que esta pergunta fosse feita após ter dito que morava com os tios. Oras, era questão de lógica que se estava vivendo com os tios, contra sua vontade, fora dos Estados Unidos, era porque não tinha pais!

— Minha mãe não me quis. — respondeu hostil, olhando fixamente dentro dos olhos de D. Suzanna, que se abaixaram na hora. — E meu pai... — olhou para o Sr. Robert, que parecia bastante interessado — ...não teve nem chance de me conhecer. Ela não permitiu.

O assunto morreu, deixando todos muito constrangidos, com exceção de Daniel. O sentimento que prevalecia em seu semblante era de revolta, muita revolta.

Gloria já não estranhava mais essa sua atitude, era muito comum na escola. Aliás, até comentou um dia desses com sua mãe a estupidez com que reagiu quando a professora debatia sobre o Dia Internacional da Mulher. Ele disse uns absurdos a respeito de certos assuntos que... para um cidadão vindo de um país tão desenvolvido, era de se estranhar.

Depois daquele dia, todo o interesse sentimental que podia ter por ele foi por água abaixo. Garoto machista assim ao extremo, era melhor ter só como amigo e olhe lá!

II

O relógio de parede redondo e azul do quarto de Daniela marcava sete e quinze da noite. D. Suzanna acabava de fazer a garotinha adormecer e a cobria com uma manta fina, porque apesar do calor, não queria correr o risco de deixar a filha pegar um resfriado. A lâmpada de sessenta watts, além de não ceder uma perfeita iluminação, tremia, ameaçando queimar. Estava decidida que assim que seu marido e todo o resto da família que se encontrava ausente, chegasse, pediria para ele trocar.

Inclinou-se no berço para dar um beijinho de boa-noite na bochecha rosada da filha e assim que ficou de pé e dirigiu os olhos para a porta, tomou um susto. Com a mão espalmada no peito, sentindo o coração pulsar dez vezes mais rápido, riu de si mesma ao ver que era Daniel que estava parado na porta. Há meses que ele nem precisava mais bater para entrar, já era da família.

— Nossa, Daniel! — respirou fundo, aos risos. — Você me deu um susto!

Seu sorriso se desfez assim que seus olhos bateram no verde-escuro dos olhos de Daniel e lentamente caíram em suas mãos. Uma delas, a esquerda, estava guardada dentro da mochila verde, pela primeira vez com o zíper aberto, e a outra, a direita, segurava um punhal de prata.

Um calafrio percorreu impiedosamente sua espinha. Nunca se deparara de maneira tão clara com o rosto da inocência misturado com a demência.

Daniel deu seus primeiros passos, letárgicos. Um passo, outro, em seguida outro, mais um...

Sem poder lhe dar as costas, de tanto pânico, D. Suzanna deu prioridade aos seus instintos maternos, recuando em frente ao berço e recostando-se nele para protegê-lo. Sua respiração podia ser ouvida de longe.

— Pode ficar tranqüila, D. Suzanna. — ele dizia entre os dentes, ao passo em que se aproximava cada vez mais. — Eu não sou um infanticida como você... — bradou retirando um vidro de sua mochila e atirando-o com força em sua direção.

D. Suzanne deu um berro tão forte, tão intenso, quando aquele vidro despedaçou-se aos seus pés, liberando um líquido que se espalhava sutilmente pelo assoalho e umedecendo um feto de uns três a quatro meses, jogado aos pés do berço da criança que dormia, tranqüilamente.

— ... mãe. — a palavra saiu de sua boca como uma excomunhão.

— Oh, meu Deus! Meu Deus! — ela gritava, com as mãos na boca. Não sabia se olhava para aquela cena bizarra, ou para aquele garoto vingativo, parado há poucos metros à sua frente.

Uma dor aguda atingiu seu estômago assim que sua mente lhe trouxe de volta as lembranças daquela clínica clandestina, onde esteve quando ainda era uma adolescente. Podia

sentir o cheiro do éter, ver os rostos dos médicos e enfermeiras, a vida sendo tirada do seu ventre...

— Daniel, tenta entender, eu era muito jovem, estava no último ano da faculdade, tinha uma vida inteira pela frente... – sua voz saía trêmula, fraca. Estaria ficando louca?

— ... eu também tinha uma vida inteira pela frente! – vociferou, os olhos acesos de fúria. – Mas a sua universidade era muito mais importante, não era? Mulheres como você não merecem viver.

— Daniel, pelo amor de Deus! – jogou-se de joelhos em cima dos cacos de vidro, sem sequer sentir dor, unindo as mãos e elevando a cabeça como se fosse fazer uma prece.

Lembrou do comentário que Gloria fizera do Dia Internacional da Mulher, as palavras que ela disse vieram à tona como se a voz da filha repetisse tudo outra vez ao seu ouvido. “Mãe, Daniel é machista demais. Ele disse que as mulheres que optam pelo aborto deveriam morrer ensangüentadas. A professora questionou, dizendo que nós temos o direito de mandar no nosso corpo e que não era contra a lei do seu país. Ele disse que essa era a única coisa absurda do seu país, que tá certo que todos temos o direito de fazer o que quisermos com nosso corpo, mas e quanto ao corpo de alguém que nem nasceu? Alguém tem o direito de destruí-lo? Alguém tem o direito de destruir o corpo de alguém que nem sequer ainda tem a capacidade de se defender? E ele continuou falando... essas mulheres deveriam morrer ensangüentadas, ensangüentadas...”

Ensangüentadas... Daniel agora levantava o punhal para o alto, com o rosto inexpressivo, avançando os passos lentamente em sua direção e cantando com uma voz enfadonha:

“Dorme, mamãe

Pare de chorar...”

D. Suzanna sentiu o punhal atingindo o útero com voracidade uma vez. Em seguida outra, depois outra...

“O seu filho...”

Esvaindo em sangue, ela ainda pôde ouvir antes de sua última respiração:

“... a morte vai lhe dar.”

BLACK ZOMBIES

I

— Que negócio é esse, Infernal? – Luciferson abordou seu amigo na rua e tomou o panfleto que ele estava segurando e lendo.

Infernal não respondeu, estava se recuperando do susto. Apenas olhou feio, meio de lado para o amigo que lia com toda a atenção as palavras do papel. Era o anúncio do show de uma nova banda de *black metal* que surgira na área e que aconteceria de noite no *Morttis*, o único pub que cedia espaço aos roqueiros da pequena e religiosa cidade do interior dos Estados Unidos.

O lugar era visto como um “antro da perdição”, onde só vândalos, drogados e gente barra pesada freqüentavam. O que não deixava de ter sua certa verdade, se bem que isso não era da conta de ninguém. Nem a polícia ligava... quem ligaria? As velhas carolas? Mas quem ligava para elas? Eram umas esquizofrênicas visionárias que chegaram até a afirmar que os mortos do cemitério levantavam na calada da noite para devorar as pessoas. Aquela coisa bem clichê de zumbis filmes B. Coisa que, segundo elas, era real e tudo obra de magia negra!

— Você vai? – Luciferson perguntou devolvendo o papel para Infernal, que como ele vestia-se de preto dos pés a cabeça, jeans, botas, camisetas com estampas sangrentas. Os dois usavam o cabelo longo, do mesmo comprimento, com a única diferença do cabelo de Luciferson meio loiro e ondulado e de Infernal preto e bem liso.

— Eu não sei. – Infernal deu de ombros atirando o panfleto no destino onde eles, depois de tantos gastos, sempre acabam, a lata de lixo. – Talvez eu vá, não tem nada pra fazer nesse lugar além de encher a cara. Então já que é pra fazer isso, provavelmente o faça no *Morttis*. Lá pelo menos tem umas minas boas e altos sons! Melhor do que o bar que fui vez passada, onde só tinha uma velharada bêbada jogando carreado.

Luciferson riu. Rapidamente, ao cruzar os olhos para o outro lado da rua, fechou o sorriso para dar lugar a uma expressão de espanto. Parando de andar e cutucando o amigo com o cotovelo, fazendo-o parar junto, falou:

— Infernal, olha só... o que é aquilo?!

Infernal olhou para a direção que o amigo olhava e avistou um rapaz glamouroso encostado no muro da esquina, com uma camisa de organza transparente, roxa, calça de couro preta, bem justa, botas cobertas de acessórios, cabelo comprido e repicado escuro, fumando no maior estilo *hard rocker de Los Angeles*. Soltando um muxoxo, Infernal disse com indiferença:

— Esse cara é um coitado. Esses dias apareceu lá no *Morttis* com o panfletinho de sua banda na mão, nós os escorraçamos no ato! Sabe qual é o nome da bandinha dele? “*Blue Orchid!*”

Luciferson não pôde conter as risadas que saíram tão altas chamando a atenção do garoto do outro lado da rua.

— “Blue Orchid”, Luciferson! – repetiu num inconformismo que era pura tiração de sarro.

— Então ele tem uma banda? – falou tapando com a mão seus risinhos de zombaria.

— “Blue Orchid!” – não conseguia parar de zombar.

— E os outros caras da banda?

— Sei lá. Nunca ninguém viu nem se interessa. Deve ser outras bichonas feito ele.

— De onde será que saiu isso?
 — Diz que de Los Angeles.
 — E tá aqui a troco de quê?
 — Vai saber! Vai ver nem os posers tão agüentando mais a própria música deles! – deram gargalhadas.
 — Por favor, Infernal, chamar esses troços *glitters* de música é até uma ofensa! Aquelas baladas chorosas...
 — Blééééérgh! – enfiaram o dedo na garganta para provocar vômito.
 Não conseguiram. Eram raras as vezes em que conseguiam, dava certo só quando bebiam demais. Faziam por pura diversão.
 Ao notar que estavam sendo observados pelo cara, se invocaram e foram tirar satisfação. Estufando o peito, com pose de durões, os dois atravessaram a rua de cabeça erguida. O garoto apenas olhava, sem mostrar emoção alguma.
 Assim que eles chegaram bem perto, quase se encostando a ele para encará-lo, continuou na mesma. Quer dizer, uma leve expressão hilária não pôde ser evitada em seu semblante.
 — Olá garotos! – cumprimentou-os na maior cara-de-pau, reconhecendo o jovem que lhe empurrara contra a parede no pub e batera em sua cabeça com um taco de sinuca. A dor na nuca até agora persistia...
 — Olá mocinha. – Luciferson já foi avançando o sinal da grosseria. Infernal fez sinal para que se controlasse... por enquanto.
 — Ô cara... - levantou o queixo, encarando-o com cara de mau. - Você sabe quem somos?
 — Ele, nunca vi mais gordo. – apontou Luciferson. – Agora você... - apertou os olhos. – Você eu me lembro muito bem.
 — O que você tá fazendo aqui?
 — Negócios. – respondeu.
 — “Negócios?” – imitou afinando a voz. – Será que é só isso que vocês sabem fazer? “Negócios”? A música pra vocês é só isso, não, posers seguidores do Bon Jovi?
 — Não. É claro que não. A música tem uma grande importância. Inclusive porque traz dinheiro.
 — Vocês são uns filhos da puta... - Infernal o fixava, irritado.
 — E o que a música é para vocês, *blackmetallers*, *deathbangers*, ou seja lá que diabos vocês forem?! O maior símbolo do fracasso? Bom, pelo menos é o que parece! – avançou, notando que seria interrompido pelos dois. – Vocês não gostam de nada que seja divulgado nas rádios ou na MTV, curtem o som do underground na desculpa de que querem dar força a eles, os “irmãos”, o que seria uma iniciativa muito legal se não os desprezassem quando realmente essa “força” começa a valer a pena, a surtir efeito. Vocês ajudam a divulgar a banda dos caras pra depois, quando as coisas começarem a dar certo, ser os primeiros a lhes puxar o tapete, falando mal e derrubando-os, chamando-os de “comercial”, “traidores do movimento”. Que sentindo faz isso? – Luciferson e Infernal não encontraram argumentos para contestar. – Vocês são uns babacas, ridículos que não tem respeito pelos vencedores, que o mundo todo ama. Preferem idolatrar os fracassados, que ninguém nunca ouviu falar e torcem para que permaneçam dessa forma.
 — Infernal, eu vou... - ensaiou dar um soco no cara, mas foi contido a tempo por Infernal.
 — Vai o quê? – o *glitter* não se mostrou nada intimidado, muito pelo contrário. – Me encher de porrada? Anda, vá em frente! É o único recurso que alguém que não consegue raciocinar encontra, não? Tudo bem, eu compreendo.

— Quem você pensa que é? – retrucou Infernal, perdendo a paciência. – Chegou agora, não sabe de nada da gente, podemos ser perigosíssimos se quer saber...

—... *perigosíssimos*? É, vocês tem cara de mau! – analisou-os de cima a baixo. – Mas, na maioria das vezes, a presença do mal verdadeiro não se revela e, o que parece a primeira vista malévolo, não passa de nada. – levantou uma das laterais da boca, com desdém.

— Cara, você não sabe onde está se metendo... - alertou Infernal, num tom ameaçador.

— Por acaso vocês conhecem Norvak?

— Nor... o quê? – demonstraram a ignorância em uníssono.

— Nossa! Eu que acabei de chegar já ouvi falar dele! Não acredito que vocês não! Ah! – fez um gesto de desprezo com a mão, como se estivesse espantando um mosquito. – Então vocês não seguem o black metal porcaria nenhuma!

— Como pode dizer isso? Somos seguidores da cultura de Satã fique o senhor sabendo. – disse Luciferson, com as mãos na cintura e altivez.

— Seguidores da cultura de Satã? É isso que as músicas que vocês gostam pregam, certo? Olha, eu curto hard rock e posso afirmar com todas as palavras que já fiz tudo o que a minha cultura pode ter pregado. Já vivi e ainda vivo no limite. Eu cumpro com aquilo que acredito. Porque a musica só faz sentido se você entender e seguir a risca o estivo pelo qual optou. Se vocês forem a ver a biografia de qualquer músico de hard rock, vão descobrir que eles passaram por muita coisa e viveram tudo o que contam em suas músicas. Mas agora, eu aposto que dentre cem mil artistas e seguidores do black ou death metal, apenas um tem coragem de fazer o que prega. Se é que chega a essa porcentagem! Duvido que vocês tenham peito para incendiar igrejas, praticar canibalismo, necrofilia e coisas do gênero. O máximo que devem fazer é ficar brincando com um tabuleirinho de Ouija que sequer foi passada por algum ritual escondidos no quarto, pro papai e pra mamãe católicos não verem! – fez uma pausa para olhá-los melhor, com menosprezo. – Não conhecem nem Norvak... depois eu é que sou poser... - comentou se afastando tranqüilamente. Sem saber que lançara, sem querer, um desafio.

Infernal e Luciferson encontrariam esse tal de Norvak nem que fosse no inferno. Agora, se vingar desse desgraçado era uma questão de honra!

II

Sedentos pela vingança (que só existia na cabeça deles), Infernal e Luciferson foram para o tal show da banda de black metal do panfleto e nem conseguiram se concentrar nas músicas. O único assunto que tinham, vinha cerveja e ia cerveja, era o tal Norvak.

Quem seria esse cara? Onde diabos o encontrariam? De uma coisa Luciferson tinha absoluta certeza, iria até o inferno se fosse preciso.

Já Infernal pensava mais numa outra coisa. Uma questão que vinha lhe infernizando a cabeça desde que aquele cara desaparecera, deixando eles falando sozinhos na rua. Será que aquilo que ele tava dizendo era verdade, ou seja, será que esse cara era mesmo real ou apenas um blefe que o outro usou pra tirar uma com as suas caras? Porque o cara era de fora e era um poser! Como poderia saber da existência de um homem como Norvak, se nem eles, que eram da cidade e seguidores convictos de Satã nunca tinham sequer ouvido falar em alguém com um nome parecido?

Alguma coisa estava errada nesta história...

Por outro lado, ele também pensava muito em se vingar e, na possibilidade de este sujeito existir realmente, acompanharia o amigo até o inferno para encontrá-lo.

Mas como encontrá-lo? Nada passava por suas mentes alcoolizadas, somente o ódio aumentava fazendo o sangue ferver como nunca!

Nada passava por suas mentes até que, alguém passou por trás da mesa onde estavam. Alguém que se chamava Sinner, mas que eles preferiam chamar de *solução*.

Sinner era muito conhecido pelos arredores, sua fama de bruxo era conhecida até nas cidades vizinhas. Sua reputação era brava, corriam boatos de que fazia sacrifícios e praticava as magias negras mais pesadas no cemitério durante as noites, mas ninguém nunca chegou a provar nada. O cara apenas estava na boca do povo.

Quem o visse não daria muito crédito a esses falatórios, afinal, o rapaz não parecia passar de um simples adolescente curtidor de black metal. Porém, quem prestasse bem a atenção em seu comportamento, perceberia que ele não era um jovem qualquer. Havia algo de diferente, de obscuro naquele ser. Não se comportava como os garotos de sua idade, não bebia, não bagunçava e ficava a maior parte do tempo calado.

No momento que passou por trás da mesa e recostou-se na parede de um dos cantos do pub para assistir o que restava do show, Infernal e Luciferson entreolharam-se com cara de quem tinha acendido uma lâmpada em cima da cabeça.

Se esse Norvak existia, não haveria outra pessoa que pudesse dizer onde encontrá-lo senão esse sujeito!

Mas... como fariam para se aproximar dele, se ele nunca conversava com ninguém ali?

E se, de repente, o indivíduo se enfezasse?

III

Infernal e Luciferson ficaram olhando um pra cara do outro repletos de indecisão enquanto Sinner permanecia na sua, curtindo ao seu próprio modo, quer dizer, como uma estátua, o show que já se encontrava no final. Os dois amigos sabiam que aquela porcaria de show tava por um fio e que se não tomassem uma atitude rápido, perderiam a chance de falar com Sinner e o que era pior, de poder encontrar esse bendito desse Norvak. Porque tava na cara que ele era o único caminho para chegarem até o homem, ou pelo menos, era a única idéia que eles tinham em mente. E cientes de que suas mentes não eram lá essas coisas... era pegar ou largar!

— Eu vou lá! – Luciferson levantou da cadeira num impulso repentino de coragem.

Infernal, entrando em pânico, agarrou o braço do amigo e perguntou:

— Você tá doido?

— Tá com medo de quê? – rebateu na defensiva – De que o cara se enfeze? E daí se ele se enfezar? – Infernal não tinha pique para dar uma resposta – Se ele se enfezar, vai se ver comigo!

Até parecia. Luciferson, nem na tentativa de parecer convincente ganhava. O pior é que por um certo lado ele tinha razão. Se não conseguissem encarar nem um cara esquisito que tinha fama (o que poderia ser muito bem um boato de quem não tem o que fazer) de bruxo, como enfrentariam um cara que, tava na cara, não era boa coisa? Só pelo nome... parecia nome de banda de *black metal* norueguesa.

Com uma hesitação mais do que camuflada, Luciferson avançou em passos longos em direção ao cara e Infernal se mandou atrás. Quando eles pararam em frente ao jovem, ele não pôde deixar de demonstrar pasmo. Franziu o cenho e ficou quieto, só olhando, na espera da bomba estourar.

Luciferson podia até ter muita pose e tal, mas na hora de falar com o cara tremeu nas bases e até gaguejou:

— O-oi cara. – dizia entrelaçando as mãos umas nas outras, encharcadas de suor frio – S-sabe o que é? Eu e meu colega aqui... - apontou pro bendito, que exibiu um sorrisinho sem graça e escrachadamente desesperado. -... a gente tá procurando uma pessoa e...

—... que pessoa? – o cara interrompeu seco. Sua voz era mais assustadora que sua reputação.

O medo não permitiu que ele pensasse num jeitinho especial de falar e então escancarou de vez:

— O Norvak!

A expressão do sujeito modificou-se de fria para dar lugar ao de surpresa. Naquele exato instante os dois amigos já não carregavam mais nenhuma sombra de dúvida: Sinner sabia de quem eles estavam falando. Meio intrigado, o rapaz retrucou defensivo:

— Por que acham que eu sei sobre Norvak?

Infernal e Luciferson entreolharam-se e antes que pudessem dizer alguma coisa, foram impedidos pela voz tensa e contrariada de Sinner:

— Por que querem saber de Norvak? O que querem com ele?

Diante do apavoramento silencioso e ao mesmo tempo bandeiroso do amigo, Infernal entrevistou, pigarreou e chegou mais perto, falando num tom confidencial:

— Precisamos encontrá-lo para... resolver umas coisinhas. – insinuou. – Você sabe...

Ao que tudo indicava, seu blefe funcionou. Não demorou a Sinner abrir um sorriso sacana, olhando-os com o canto dos olhos.

— Sei... - pensou saber. – E vocês precisam encontrá-lo breve, não?

— Brevíssimo. – Infernal apressou-se em esclarecer.

— Certo, certo... - Sinner matutava, fitando-os com aquele mesmo semblante sacana. – Acho que posso ajudá-los. – descontraíu-se, animando os garotos – Venham comigo.

Sem hesitar e perdendo um pouco do medo, os dois amigos deixaram-se conduzir a uma casa branca que ficava perto do pub. Sinner mandou-os entrar e entregou um papel encardido, amarelado, enrolado e amarrado com uma fita preta em forma de diploma.

— Isto é uma espécie de mapa. – explicou antes que eles desenrolassem. – Aconselho-os a abri-lo somente na estrada, com cuidado, porque este papel é meio frágil.

— Você disse, mapa? – Luciferson ficou confuso.

— Ele levará vocês até Norvak. – declarou sem rodeios. – Não era o que vocês queriam? Chegar até Norvak?

— Sim, sim, era o que queríamos. – falaram juntos, desconcertados.

— Queríamos não. Queremos! – corrigiu Infernal com determinação, abraçando-se ao papel.

— Pois então. Este é o caminho.

— Mas você... - Luciferson finalmente arranjou coragem pra dizer algo. – Você está dando este mapa pra gente? – Sinner fez que sim com a cabeça. – Mas... você não vai precisar depois?

— Eu não erro mais o caminho, companheiro. – afirmou piscando um olho de um modo que provocou arrepio nos dois amigos.

— Bem... - Luciferson olhava mais pra seu companheiro do que para Sinner – Então nós já vamos indo...

—... vão procurar Norvak agora? – Sinner perguntou com interesse.

— Não, não. Eu e Infernal vamos ver se procuramos o cara durante o dia...

—... aconselho-os a procurá-lo agora. – interrompeu – Não me façam mais perguntas. Todas as respostas que estão procurando, encontrarão quando seguirem esta trilha. – fez um gesto com a cabeça para o papel.

Luciferson tava gostando menos dessa história à medida que o tempo passava. E Infernal tava começando a compartilhar deste sentimento cada vez mais. Sem demora, os dois largaram o lugar e foram para a casa de um conhecido, que não ficava muito longe e meio a contragosto, o indivíduo emprestou a caminhonete dele para eles usarem, jurando-os de morte se aparecesse mais um arranhão entre os cento e três que já existiam.

O mapa era bem claro, porém, encontrar o ponto X da questão não tava sendo nada fácil e nada confortável. A estrada era esburacada, escura e deserta. Nem uma alma penada que pudesse dar alguma informação aparecia. Quando os dois estavam prestes a voltar atrás, avistam ao longe, no meio de um matagal, uma casa pequena, mais precisamente um chalé com aparência de abandonado, muito parecido com o desenho marcado com um X do desenho.

— Cara, acho que nós achamos... - Luciferson dizia com a voz e o corpo trêmulos.

Com um sorriso no rosto e uma cara de satisfação para o papel, Infernal comemorou:

— É verdade, cara! Nós achamos! Agora quero ver quem nos segura! – exclamou saindo do veículo e encarando o matagal saltitante.

Luciferson não demonstrava o mesmo entusiasmo e custou para sair do veículo e encarar aquela aventura.

Quando a recém entrava no matagal, Infernal já estava quase alcançando o chalé e ao alcançar, resolveu esperar pelo amigo, que avistou longe, longe. Poderia ser valente, mas também não era pra tanto.

Ofegante, Luciferson pôs-se ao lado do colega e olhou agoniado para a porta de madeira quase podre do chalé.

— É aí. – disse Infernal, meio contagiado por aquela agonia.

Luciferson não disse uma palavra, fitando-o indeciso e acima de tudo, aflito, como que suplicando para que voltassem.

Provavelmente não seriam necessárias muitas súplicas, aliás, não foi necessária nem uma súplica para Infernal querer desistir e dar no pé.

— Você tem razão. – falou como se tivesse lido os pensamentos do companheiro. – Esse negócio não vai dar certo, é perigoso.

Naquele exato instante, a porta rangeu e vagarosamente, abriu-se sozinha e o mais espantoso, Luciferson mudou de repente seu parecer.

— Se já chegamos até aqui, pra que dar pra trás? Vamos ver o que nos aguarda aí dentro.

Infernal, em dúvida, dirigiu o olhar meio de lado para a porta e disse com pouca determinação, dando de ombros:

— Tá.

Com cuidado, os dois entraram e depararam-se com uma sala escura, que cheirava a incenso, cheia de quadros antigos espalhados pelas paredes, velas acesas, uma lareira acesa e um homem de costas, ajoelhado perante um altar repleto de imagens de santos, gnomos, anjos e outros personagens desconhecidos para aqueles jovens leigos.

Não dava pra ver muito bem, mas deu pra perceber que ele vestia uma túnica negra e encontrava-se com as mãos entrelaçadas, como se estivesse orando.

Os dois companheiros novamente se entreolharam e desta vez não tinham mais dúvidas: iriam dar no pé sim! Aquela aventura já tava indo longe demais e independente daquele cara ser ou não ser o Norvak, iriam se mandar sem deixar rastros. Afinal de contas, o cara nem percebeu a presença deles ali mesmo. Restavam-lhes apenas serem tão discretos quanto estavam indo até a ocasião, darem a meia volta e...

— Por que me procuram, rapazes?

IV

A questão foi recebida como uma facada no estômago dos dois rapazes. Seus olhos esbugalharam de tal forma que por pouco não saltaram pra fora do rosto. Não imaginavam que o homem ia percebê-los tão rapidamente, afinal, aquela fora uma das poucas vezes na vida que conseguiram ser, ao menos, quase discretos. Ou aquele indivíduo tinha percepção de felino ou... Ou aquilo era coisa do diabo mesmo! De repente, “sem explicação”, seus corpos tremiam feito gelatina.

O homem, com uma tranqüilidade invejável, levantou-se de onde estava e foi ter com eles. Ao chegar perto, os garotos perceberam que por baixo daquela negra túnica encontrava-se um homem maduro, de pele muito clara, rugas profundas no rosto e grandes olhos acinzentados. Sua estatura era alta, muito alta, e seu semblante possuidor de um mistério de causar calafrios.

Então aquele era Norvak. É, não poderia ser pior.

— Estão me procurando? – ele indagou com cordialidade, uma cordialidade séria, esfregando de leve, quase como numa carícia, uma mão na outra.

Instintivamente, os rapazes se entreolharam e Infernal conseguiu balbuciar algo, sem tirar os olhos do amigo.

— B-bem... nós... bem... Na verdade... – pigarreou forte. – Na verdade nós estávamos procurando o senhor sim para... porque... bem... porque...

—... porque somos seguidores de Satã. – disparou Luciferson, agindo totalmente por instinto e sentindo uma ponta de arrependimento por ter aberto a boca.

Infernal arregalou os olhos.

— Somos seguidores de Satã. – repetiu. – Por isso que... – coçou a testa observando o homem. –... estamos te procurando. – seu tom de voz baixou consideravelmente.

A expressão do sujeito foi de uma discreta e meio irônica surpresa. Suas sobrancelhas se ergueram e um meio sorriso brincou em seus lábios.

— São seguidores de Satã? – indagou começando a caminhar vagarosamente ao redor, ato que aumentou a tensão no ambiente. – Interessante... – pousou o dedo indicador no queixo, pensativo.

O olhar assustado dos dois o acompanhava. Num rompante! E dando-lhes um tremendo susto, ele parou.

— Quem os enviou?

— Q-Quem nos enviou? – gaguejou Infernal. – Bom... - ergueu os ombros. – Ninguém. – achou melhor não entregar Sinner. Vai que o cara não quer que fique sabendo e dá confusão. – Nós viemos por conta própria.

— Como por conta própria? Vocês não são seguidores de Satã?

— Somos. – responderam, como sempre instintivamente, em uníssono.

— E o mestre de vocês? Vocês não têm um mestre? Alguém que os oriente nos ensinamentos do Mestre Supremo?

— É para isso que estamos aqui. – Luciferson reagiu estranhamente na hora. – Viemos para dizer que o queremos como nosso mestre. Se o senhor aceitar, lógico. – disse abaixando a voz e a cabeça em submissão.

Infernal achou aquilo uma brilhante idéia e vibrou por dentro. Nada como encher a bola do cara pra limpar a barra! O que também não deixava de ser uma certa verdade...

— Então não são seguidores de Satã, pretendem ser. – afirmou o homem com seriedade e convicção.

— É que nosso entusiasmo para ser é tão grande que já nos consideramos. – Luciferson tinha a resposta na ponta da língua.

Norvak não demonstrou o mesmo “entusiasmo”, mas mostrou-se maleável.

— Certo. Se assim o desejam, serei o mestre de vocês e lhes passarei os ensinamentos. – entregou uma vela vermelha para cada um deles segurar. – Mas lembrem-se: estes ensinamentos são sagrados, os quais devem ser revelados apenas ao que se mostrarem confiáveis futuros discípulos, nunca aos traidores, cristãos.

— Claro, isso é claro. – eles concordavam.

Norvak os obrigou a fazer um juramento em nome da luz carmesim que seguravam, por suas vidas e suas almas que manteriam a honra dos ensinamentos sagrados intacta. Feito isto, Luciferson perguntou:

— E quando começam os ensinamentos?

— Agora. – Norvak respondeu no ato. – Lúcifer não tem tempo a perder.

E virando-se, ordenou para que os seguisse. Com a iluminação apenas das velas, eles foram deixando-se guiar para os fundos.

Foram se surpreendendo ao ver que aquele lugar não tinha nada de mais. Não era o terrífico que chegaram a imaginar, aliás, não chegou nem perto do que imaginaram. Não passava de uma casa comum com um belo jardim nos fundos decorado com variadas plantações de orquídeas.

Norvak os fez ajoelhar na grama úmida e estendendo o braço em direção aos seus rostos, fechou os olhos e proferiu uma longa prece em uma língua estranha. Em seguida, obrigou-os a entrar de novo e deu-lhes algo de beber. Um suco esquisito, azul, que tinha um gosto peculiar e, sobretudo, delicioso.

Eles não podiam se sentir melhor. Já iam familiarizando-se com o ambiente, perdendo o medo quase que por completo. Era quase como estar em casa. Jamais sequer lhes passaria pela cabeça que seguir Satã seria tão fácil assim. Afinal, estava sendo tão fácil, mas tão fácil, que já chegava a ponto do tédio.

Instantes depois, Norvak perguntou:

— Vocês vieram com alguma condução?

— A caminhonete de um amigo. – respondeu Luciferson lambendo os beiços e devolvendo o copo vazio. Infernal fez a mesma coisa.

— Perfeito. – Norvak cerrou o punho como que vibrando.

Os garotos não entenderam, mas também não questionaram. Apenas se olharam de forma interrogativa.

— Garotos, preparem a caminhonete porque vamos sair. – afirmou, fazendo menção de retornar aos fundos.

— Para onde vamos? – perguntou Luciferson.

— Ao cemitério. – respondeu Norvak.

— Cemitério?! – os garotos exclamaram.

Ah, agora sim aquilo estava começando a ficar interessante! Empolgadíssimos, eles voaram até o veículo fantasiando uma porção de coisas.

— O que será que vamos fazer no cemitério a esta hora da madrugada, hein, Infernal?

— Não faço nem idéia. Ou melhor... - abriu um sorriso sacana. – Acho que posso imaginar sim! – deram risadas. Um risadas contentes e ansiosas. – Com certeza faremos alguma espécie de ritual macabro. Velas acesas, pentagramas e cruzeiros de cabeça pra baixo desenhadas na terra... ou com fogo! Cara... acho que agora estamos no caminho certo!

— E imaginar que tudo foi graças àquele poser de meia tigela...

— ... cale essa boca, Luciferson! – repreendeu erguendo o dedo – Cale essa boca que aquele filho da mãe nada tem a ver com isso.

— Oras, Infernal, mas não foi ele quem falou do Norvak pra gente...

—... ele não falou nada, entendeu? Nós não devemos nada àquele paspalho, ouviu? Estamos aqui graças ao Sinner. Não fosse ele que nos desse o mapa que nos trouxe até aqui, nada disso estaria acontecendo. O responsável por nossa conversão é o Sinner, ninguém mais, ouviu bem? – gritou. – Ninguém mais!

— Tudo bem, cara. Não precisa ficar nervoso.

E sem dizer mais uma palavra, eles entraram na caminhonete para esperar Norvak, que não tardou muito. Sem conversar com os rapazes, ele jogou algumas coisas na carroceria do veículo e entrou, ordenando para que dessem partida em direção ao cemitério.

Não precisou ordenar duas vezes.

Um bom tempo depois chegaram. Como era de se esperar, o lugar estava escuro e deserto. Discretamente, adentraram e caminharam por entre os túmulos. Infernal e Luciferson se coçavam para perguntar o que iriam fazer, mas se controlaram, achando melhor esperar as ordens do mestre.

Norvak caminhava ao redor daquelas lápides com um ar compenetrado e sério, como que procurando por algo. Caminhou e caminhou, com os garotos sempre atrás. Até que chegou num ponto e parou, dando sua primeira ordem:

— Vão até a caminhonete e peguem o saco que se encontra na carroceria.

Prontamente, eles obedeceram. O negócio pesava e a curiosidade matava, mesmo assim, resolveram não fazer nada que não fosse mandado, portanto, limitaram-se apenas a apanhar o saco e levar até o seu mestre.

Tomando-o dos dois, Norvak desatou o nó que amarrava o enorme saco e surpreendentemente, retirou duas pás de dentro dele. Entregando uma para cada um, mandou:

— Cavem.

— Cavar? – ambos indagaram.

— O que vamos fazer, mestre Norvak? – Luciferson não ocultou sua curiosidade.

— O que vão fazer? Vão dar a maior demonstração que um novo discípulo pode dar a Satã.

— E que demonstração é essa? – Infernal perguntou, meio encucado.

— Necrofilia. – respondeu sem a menor cerimônia.

— Necro... o quê? – perguntaram confusos, novamente sem poder disfarçar a ignorância.

— Necrofilia. Transar com cadáveres. Embora não haja nenhuma lápide, aqui foram enterradas duas pessoas recentemente e vocês irão transar com elas em consideração ao amor que tem por Satã. Vocês praticarão necrofilia em homenagem ao Mestre Supremo. Transar com cadáver, isso quer dizer necrofilia. – esclareceu.

V

— Transar com... cadáver?! – exclamaram juntos, engolindo em seco, ou melhor, quase engolindo a língua de tanto pavor.

Seus corpos sacolejavam por dentro por completo só de imaginar a cena. Transar com cadáver?! Aquele cara não podia estar falando sério.

— Desculpe, mas... Eu ouvi bem ou o senhor disse que temos que transar com um cadáver? – Infernal ainda permanecia descrente.

Mas Norvak fez questão de não deixar qualquer sombra de dúvida, afirmando com a cabeça.

Pela primeira vez na vida, por um centésimo de segundo, passou pela cabeça deles que talvez fosse melhor terem optado pelo Cristianismo. Por sorte Norvak não lia pensamentos

(ao menos aparentemente) e além do mais, fora apenas um relâmpago. Um relâmpago tonto que lhes atravessou a mente e que jamais se repetiria, apesar de ter deixado as seqüelas do arrependimento eterno, afinal, por nem um centésimo de segundo se trai a Lúcifer!

No entanto... necrofilia era foda.

— Devemos mesmo transar com cadáver? Digo... é tão necessário assim? – Infernal continuava questionando, tentando cair em si, e na esperança de uma negação.

— Estritamente necessário. – Norvak dissolveu veemente qualquer cinza de esperança que eles poderiam vir a ter.

Luciferson e Infernal se entreolharam com temor e desânimo.

— Não querem ser fiéis seguidores de Satã? Pois então. Um fiel seguidor jamais se nega a necrofilia. É toda uma honra prestar tamanha homenagem ao Supremo. – seus olhos acinzentados elevaram-se, espalhando um mórbido brilho de encantamento. – Mas não se preocupem. – fitou-os com firmeza provocando maior temor. – Estas pessoas que estão aí embaixo são traidoras que merecem ter seus corpos profanados. São em sua maioria cristãs ou falsos seguidores.

Um olhar desconfiado e ameaçador pairou sobre eles.

— Alguém me segure. – disse Infernal num tom que só Luciferson conseguiu ouvir, sentindo suas pernas amolecerem.

— Falsos seguidores. Eles merecem a morte! – bradou Luciferson em mais de um de seus rompantes, começando a cavar com fúria.

Infernal não podia crer no que via! Olhava-o boquiaberto, enquanto Norvak o observava com um negro sorriso de orgulho.

— Temos que fazer o que deve ser feito. – Luciferson dizia com convicção para o amigo, sem parar de cavar, parecendo um possuído.

Olhando ao redor, Infernal via-se sem alternativa. Ao passo em que o amigo cavava feito louco, Norvak fixava-o com cobrança. O único jeito foi começar a cavar.

E começou, logicamente, sem o mesmo entusiasmo de seu parceiro.

Alguns minutos depois, coincidentemente, ambas as pás bateram em algo duro. Surpresos, os rapazes se entreolharam um segundo e retornaram ao serviço. Cavando mais e mais, aos poucos foram se revelando dois corpos masculinos, de rapazes que deveriam ter no máximo a idade que tinham. A distância entre um corpo e outro era de poucos metros.

Um odor fétido começou a espalhar-se pelo ambiente, entrando com voracidade nas narinas de Infernal que não resistiu e vomitou.

Luciferson parou um instante para olhar e Norvak criticou:

— Fraco.

— Que horrível! – Infernal pôde, enfim, falar, limpando os rastros do vômito em seu queixo com as costas das mãos. – Faz quantos dias que estão mortos?

— Seis sete dias. – refletiu Norvak, despreocupado. – Não sei ao certo. Não me lembro. A sete palmos não existe formol. Se observarem bem, eles já estão num belo estágio de decomposição, com vermes deliciando-se num banquete.

Infernal teve que segurar a respiração pra não ter que disparar outra jorrada de vômito. Céus! Aquilo era tão horrendo que mal dava pra olhar, os corpos estavam inchados, sem falar no fedor. Não dava pra imaginar ter que transar com aquele negócio.

— Vai encarar isso? – perguntou para Luciferson movendo apenas os lábios, sem produzir som.

Produzindo um som baixíssimo, Luciferson respondeu:

— Já transei com minha tia Maggie, o que poderia ser pior? Não vejo diferença alguma.

Embora isso fosse pra rir, Infernal não conseguia.

— Estão esperando o quê? – cobrou Norvak percebendo a indecisão. – As donzelas querem que eu vire para poderem abaixar as calças?

— Claro que não. – Luciferson se enfezou, fitando o homem de soslaio e abrindo o zíper do jeans com fúria, abaixando-o.

Temeroso, achando que estava prestes a desmaiar, Infernal fez o mesmo. Com o estômago embrulhado, não tinha a menor certeza de que poderia passar disso. Vendo seu amigo pondo-se de cócoras em direção ao cadáver, caiu em si que tinha menos coragem do que pensava. Não conseguiria fazer isso. Não conseguiria!

Mas tinha que fazê-lo. Agora era muito tarde pra voltar atrás. Não tinha como! O lance era fechar os olhos, inclinar o corpo bem devagarzinho... e ouvir um grito?!

Ao olhar para a sua direita, assombrou-se, paralisou-se incrédulo. Luciferson foi puxado pelo braço pelo cadáver com que iria fornicar!

Não, deveria estar vendo coisas. Estava tão impressionado com essa história de necrofilia que não estava conseguindo ver coisa com coisa. Era óbvio que seu amigo não tinha sido puxado e nem estava sendo mordido por aquele... zumbi!

Um zumbi! Então era verdade! Os mortos daquele cemitério tinham vida! E antes que pudesse escapar, alguém lhe agarrou o pulso e lhe puxou pra baixo. Infernal caiu com tudo em cima daquele troço que apesar de estar se decompondo pra cacete, movia-se muito bem!

Os profundos gritos de dor irrompiam no silêncio do cemitério e os zumbis pouco se importavam com seus choramingos e súplicas. Estavam famintos! O que queriam era continuar, arrancar com os dentes pedacinho por pedacinho de carne fresca...

Luciferson berrava em desespero e Infernal chorava feito uma criancinha, implorando por socorro, mesmo sabendo que não havia ninguém ali. Àquela altura Norvak já estava a caminho de volta pra sua casa, na certeza de deparar-se com mais ingênuos num futuro muito próximo.

Ao sentir os dentes cravarem em sua nuca, Infernal parou de implorar e sufocou o choro, tamanha era sua dor.

Neste mesmo instante, ouviu algo se aproximando, algo semelhante a passos. Ao avistar um par de botas pretas parar ao seu lado, apenas levantou as mãos em busca de socorro.

Ninguém as tomou. Vagarosamente, o dono das botas agachou-se e indagou, apoiando a mão no queixo:

— Dói muito a sua nuca? É, essa região realmente dói. – arqueou as sobrancelhas, abrindo os olhos por uns dois segundos.

Aqueles olhos. Infernal reconheceria aqueles olhos verdes delineados de azul aonde quer que fosse. Aqueles olhos que uma vez lhe fitaram com um certo medo, agora fitavam-no com prazer. Um prazer odioso e repleto de ódio.

— Infernal, é aquele poser! – Luciferson reconheceu falando com dificuldade ao passo que sentia os dentes cravarem em seus ombros.

— Legal. – o rapaz olhava em volta, no meio deles. – Aqui neste meio cabem certinho dois corpos. – deu três tapas no chão. – Dois corpos semideglutidos, dois corpos de zumbis. – exibiu um sorriso retorcido. – Black Zombies. – declarou entre os dentes, pondo-se de pé.

Quando os dentes largaram sua nuca e cravaram na região mortal do pescoço fazendo-o esvair-se em sangue, Infernal percebeu que não havia apenas ele ali. Tinha mais um monte daquelas aberrações glam parecidíssimas com ele.

Luciferson, seu amigo, já estava morto. Quanto a ele, ia enfraquecendo numa crise hemorrágica, rumando lentamente em direção à morte.

A última coisa que viu antes de encontrá-la, foi uma flor sendo jogada no local onde seriam suas “sepulturas”.

Uma orquídea azul.

É, na maior parte das vezes, a maldade está onde menos se espera.

O HOMEM DA CASA

— Puxa... Você era a última pessoa que esperava encontrar.

— Por quê?

— Ainda pergunta? Não te vejo há exatos doze anos!

— Agora sou o homem da casa. Eu cuidarei de você.

A jovem senhora observou surpresa o braço esticado em direção à sua cadeira de rodas. Pendendo a cabeça para trás, pôde perceber as imensas mudanças de seu filho. Mudanças essas que, lamentavelmente, não teve a menor chance de acompanhar. O que era mais revoltante: eles não lhe deram a menor chance.

Realmente, era um homem agora, a barba por fazer não negaria isso. Mas continuava ainda com o mesmo rosto de menino, a franja lisa caindo no rosto, o cabelo antes loiro escuro escurecera, tornando-se um castanho claro dourado, e sim, as mudanças foram muitas. Apesar de magro, como sempre, estava alto. Muito alto. Mais alto do que o pai! E muito bonito, com o mesmo par de olhos verdes encantadores.

Apesar de pouca, ele também notou algumas diferenças na mãe. Estava mais magra, mais pálida, um pouco mais velha também. Igualmente bela, de qualquer forma. Só que, com certeza, não a via mais do modo como via antes.

Se ela soubesse que não fora somente no exterior que mudara... O interior havia se transformado muito mais.

— Oras... eu posso caminhar com minhas próprias pernas! – resmungou rabugenta quando se deu conta que a intenção do filho era em ajudá-la a se levantar.

— Não, por favor não. – impediu a enfermeira que a trouxera até ali, segurando firme seus ombros. – A senhora ainda não está cem por cento recuperada das fraturas. Acho melhor você levá-la até o elevador e fazê-la caminhar somente até o carro. Em casa, repouso absoluto por no mínimo umas duas semanas. – recomendou ao garoto, que assentiu com a cabeça.

Elevador? Tinha subido aquela escadaria toda até aquele andar, que era o quinto, a musculatura de suas pernas chegavam a doer. Estava tão ansioso que nem se lembrou de tomar um elevador.

— Por que não me enterram de uma vez? – a mulher continuava resmungando.

— Se quiser posso levá-la até o elevador para você. – ofereceu-se a enfermeira.

— Não será necessário, obrigado. – agradeceu sorrindo. – Eu mesmo posso fazer isso.

— Então é com você agora. – se despediu retribuindo ao sorriso, dando as costas e se afastando, mais aliviada do que nunca.

A mulher permanecia ranzinza e examinando-o de cima a baixo. Olhou para a jaqueta acamurçada marrom que ele vestia e recordou-se. Era a jaqueta de seu marido. O que não era indício de boa coisa.

Mas preferiu não tocar nesse assunto e persistir no anterior:

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que não me visitou uma única vez nesses longos doze anos?

— Simples. Porque Dexter não deixou. – respondeu direto e com frieza.

Dexter... Nunca se conformaria, depois de tudo o que ele tinha feito, ainda ter ganhado a guarda do seu filho. Foi por culpa de Dexter que não teve paz, foi por culpa de Dexter que acabou parando todo aquele tempo atrás das grades, foi por culpa de Dexter que perdera o contato e talvez até o amor de seu filho. Tudo foi culpa dele.

— Então agora você é o homem da casa, Mathew?

Mathew parecia nem ouvi-la. Seu olhar contornava tudo à sua volta, quando tudo à sua volta eram paredes pintadas de branco que só lhe traziam gélidas memórias que lhe causavam arrepios. Aconteceu ali, naquele mesmo hospital, no mesmo andar, há doze anos.

— Sei que me resta pouco tempo, filho. – ele dizia, com a garganta seca. Mathew chorava com a cabeça recostada em seu peito, sob os lençóis verdes, negando-se a aceitar. – Você tem que ser forte. Prometa que cuidará de sua mãe para mim, prometa.

Ainda negando-se a querer acreditar, ele prometeu. Prometeu porque seu pai queria.

— Então você é o homem da casa agora. – afirmou fechando os olhos e adormecendo de vez.

Ele se aquecia com a mesma jaqueta marrom. A jaqueta que por mais grossa que fosse, não teve a capacidade de aquecer um corpo da morte.

A mesma frase lhe foi dita por sua mãe algumas horas depois, em casa, quando se preparavam para o velório. Ele podia sentir até hoje o carinho reconfortante dela em sua cabeça, esparramando seu fino cabelo...

Os primeiros dias foram muito difíceis, insuportáveis de fato. Mas precisava ser forte e cumprir a promessa que fizera ao pai. Afinal, era o homem da casa. E tal tarefa nunca lhe pareceu tão árdua no auge de seus seis anos de idade.

Só não imaginava que o pior estaria por vir. Mal passara a missa de sétimo dia e sua mãe já trouxera um novo homem para dividir o mesmo teto. Foi um choque, ele não admitia isso, mas quem era para admitir algo além de um mínimo garotinho dependente e indefeso de seis aninhos? Para confortá-lo com a promessa de seu pai, ela levou-o até seu quarto para que Dexter não ouvisse e usou a pior das desculpas:

— Mathew. Mathew, ouça querido. – cobriu carinhosamente cada face dele com as mãos. – O que foi que papai e mamãe sempre lhe ensinaram de compartilhar as coisas com os outros? Dexter é um homem bonzinho, que veio para ajudar a cuidar da mamãe. Ele só veio ajudá-lo. Você não estuda de manhã? – o menino fez que sim. – Então! E você não se cansa às vezes? – ele repetiu o gesto. – Então! Dexter trabalha o dia inteiro, não pode cuidar da mamãe. Você estuda pela manhã, mas de tarde estará livre para cuidar de mim. Quando chegar a noite, Dexter tomará seu posto. Pra você poder descansar, entendeu? Vocês vão dividir o trabalho.

— E de manhã? – ele perguntou com ingenuidade.

— De manhã a mamãe de Leslie cuida de mim. Ela vem sempre trazê-la para brincar com você, não vem? E ela sempre vem de manhã.

O pior é que a pior das desculpas foi convincente para um garotinho daquela idade!

— Agora, em tempo integral. – Mathew fez questão de responder à pergunta que lhe foi feita, com um meio sorriso cínico nos lábios.

— Dexter nos abandonou?!

Não era possível! É certo que não o via há uns dois anos mas... achou que fosse por falta de tempo. Ou melhor, queria achar.

— Dexter *te* abandonou. – ressaltou. – A mim ele apenas deu liberdade, nunca precisei dele. Agora sou um homem livre. Bem... - pensou. – Tirando o fato de ser responsável por uma mãe ex-presidiária...

Os olhos azuis da mulher estreitaram.

— Nunca me perdoou pelo episódio da surra, não é, Mathew?

Episódio da surra? Do que ela estaria falando?

— Não acredite que concordei com a atitude dele, mas ele era muito mais forte, o que eu podia fazer, pelo amor de Deus?!!

Episódio da surra... episódio da surra... Do que ela estaria falando? Episódio... episódio...

Oh, sim! O episódio! Episódio do tapa, precisamente falando. Foi quando Mathew respondeu-lhe de má vontade e com grosserias uma questão sobre a escola e Dexter tascou-lhe um tapa na cara.

Mas isso fora há muito tempo, quase nem lembrava de tão pouca importância que tivera. Por que ela estava desenterrando aquilo agora?

— Mas não esqueça que fui eu a primeira a te defender quando te acusaram de estuprar Leslie com uma garrafa! – sua voz tornou-se grave e intensa, furiosa. – Dexter sabia da verdade e te entregou. Eu também sabia, mas te defendi! Eu te defendi, Mathew! Não pense que não me cortava o coração ter visto a menina daquele jeito, mas ainda assim eu te defendi!

Suando frio, Mathew olhava horrorizado para as mãos da mulher que apertavam as laterais da cadeira de rodas com tremenda tensão.

— Leslie... - murmurou.

Leslie estava jogada no carpete cinza do quarto, manchado de sangue rubro, os cabelos louros esparramados, desacordada...

Leslie era levada pela maca e pelos enfermeiros para dentro da ambulância, sua mãe chorava...

Leslie desfalecia... murchava.

— Vamos, chega de flashback por hoje! – reclamou severa. – Leve-me até o elevador. Não vejo a hora de sair dessa maldita cadeira de rodas!

— Arrumou encrenca nos últimos dias de prisão. Isso é bem a sua cara, Dona Madge. – rebateu com ódio, tocando em frente a cadeira de rodas.

— Agradeça a Deus por eu ser encrenqueira. Não fosse sua fraqueza, seu pamonha, hoje tudo seria diferente.

Tudo seria diferente... As lembranças povoavam a mente de Mathew de tal maneira que apenas seu subconsciente o encaminhava para o corredor e o caminho certo de onde ficavam as escadas e os elevadores. Dependesse dele... nem sequer sentia os movimentos que estava fazendo.

Tudo poderia ter sido diferente. Sua mãe defendeu com unhas e dentes sua inocência fictícia. Dexter não. Dexter tinha ciúmes dele, sempre tivera. Queria vê-lo na cadeia, pelas costas. Ou queria apenas ser justo.

Ou queria apenas defender seu próprio traseiro.

Os investigadores já estavam suspeitando de seu comportamento. Sabiam que na ocasião, ele era a única figura masculina que Mathew tinha para se espelhar.

E por incrível que pareça, sua mãe não o defendia. Queria apenas provar a inocência de seu filho, pagaria o melhor advogado daquela metrópole, venderia a casa, os poucos bens que lhe restaram, sua roupa, seu corpo se fosse preciso!

Mas não foi...

— Eu não queria machucar, Leslie! Não queria! Ela era minha amiga! – ele chorava desconsoladamente, enterrando o rosto nos braços cruzados em cima da mesa branca, na sala reservada da delegacia.

Resignado ao máximo, procurando manter a ética profissional e ocultar a indignação que lhe tomava conta, o investigador perguntou com uma perversa calma:

— Se não queria machucá-la, então por que a levou até seu quarto e introduziu aquela maldita garrafa no corpo dela? Responda, garoto, responda! – insistiu esmurrando a mesa e começando a alterar a voz, afinal, nem o melhor profissional do planeta pode ser de ferro!

— Não achei que iria machucá-la, eu nunca machucaria Leslie, ela é minha amiga! Eu achei que fosse igual a um vibrador. – o garoto respondeu aos prantos, para o espanto dos outros dois investigadores que estavam presentes e acompanhavam o caso.

Todos os olhares caíram inconformados em cima de Dexter, que insistia em fazer cara de inocente. Mas agora a evidência era muito explícita.

— Um v-vibrador? – balbuciou o investigador principal.

— É... eu não queria machucá-la! Não queria machucá-la! – repetia com pavor, mas enfraquecendo a voz. – Achei que ela fosse gostar, como mamãe gosta...

Chegando ao seu destino, Mathew largou a cadeira de rodas em frente ao elevador e as escadas e fechou os olhos, para poder respirar.

“Senhora Madge Davis, a senhora está presa por abuso de menores. Tem o direito de permanecer calada, tudo o que disser poderá ser usado contra a senhora no tribunal, terá direito a um advogado...”

Os gritos: “Não, por favor, não! Isso é um engano! Mathew, diga que não é verdade! Diga que não é verdade, seu pamonha!”, o horror de Dexter passando a mão no rosto, descrente do que acabara de presenciar, as algemas se fechando... O silêncio.

“Mathew, querido, o que você prometeu ao papai? É o homem da casa agora, terá que cuidar da mamãe exatamente como papai cuidava.”

“Sim, mamãe. Sou o homem da casa agora. Eu cuidarei de você”.

Mathew podia sentir o carinho esparramando seu fino cabelo liso, o perfume, o calor do corpo vindo ao seu encontro...

— Anda, Mathew! Não tenho o dia todo! – resmungou para variar, arrancando Mathew de seus devaneios.

— Também não.

Sem perceber, repetiu o mesmo gesto de Dexter na sala reservada, passou a mão no rosto com força, exausto.

— Dexter ao menos deixou a casa para a gente? – perguntou.

— A casa era do meu pai, esqueceu? E não se preocupe com isso, mamãe. Agora sou o homem da casa. – apertou o botão para chamar o elevador... – Eu cuidarei de você.

... e lançou a cadeira de rodas escada abaixo.

FLORES MORTAS

I

Era Dia de Finados. E como todo o Dia de Finados que se preze, estava nublado, acinzentado. Minha avó me fez acordar as seis da manhã, logo eu, que escolhi estudar a noite só para não ter que levantar cedo! Agora que eu almejava passar um feriado tranqüilo na casa dos meus avós, fui obrigada a pular da cama naquele horário nada habitual porque a velhinha não queria ir ao cemitério sozinha e nem muito tarde, quando está cheio de gente.

Parece que seu intento não deu muito certo, todo mundo teve a mesma idéia e o cemitério já estava lotado quando chegamos. Eu não estava muito acostumada com aquilo, meus pais me habituaram a homenagear os falecidos uns dois dias antes do 02 de novembro, acho que para evitar esse tipo de aborrecimento. Minha avó, que passava por isso quase todos os anos, não parava de resmungar. Às vezes chamava até a atenção de uma ou outra pessoa mais atenta.

Enquanto caminhávamos nos esquivando daquele monte de pessoas enlutadas, com flores e velas nas mãos, para alcançar o túmulo de meus bisavós e de uma tia que havia morrido num acidente de carro há um ano atrás, minha avó continuava praguejando e eu observava o lugar.

Era a primeira vez que visitava aquele cemitério. Perdi a conta de quantas férias passei naquela cidade, mas o cemitério só conhecia de fora, nunca tinha entrado.

Era um local bonito, amplo, com um belo gramado verde que se estendia por todo o quarteirão. Havia flores plantadas por toda a parte, trepadeiras viçosas de variadas cores cobrindo o muro de concreto que o cercava, rosas vermelhas desabrochadas em diversos pontos, mas apesar de toda aquela natureza cheia de vida, a morte conseguia predominar.

Passei por muitos túmulos, dos mais simples, uma pequena cruz ou lápide somente em memória dos falecidos, até os mais sofisticados. Tinha um belíssimo que me chamou muito a atenção, assemelhava-se a uma capela de tão grande, pintado de amarelo, com portas de vidro azul. Deveria ter uma família inteira enterrada lá.

Após uma maratona, conseguimos enfim, chegar ao que nos interessava: os túmulos de nossos parentes. Minha avó me pediu para passar as velas que estavam na minha mão e eu obedeci. Deitei o buquê de margaridas sobre a sepultura de minha tia, eram suas preferidas e me ajoelhei.

Não costumo orar nessas ocasiões, apenas me prostro de joelhos e abaixo a minha cabeça, num sinal de dor e respeito. Jamais pude encontrar as palavras certas e, para que elas servem, afinal? Minha tia devia saber muito bem o quanto me doeu e ainda doía aquele acidente, as profundas cicatrizes em minhas mãos e em meu pescoço não me fariam esquecê-lo.

Mas dava graças a Deus por elas e não hesitava em exibi-las nos dias de muito calor. Seria mesquinho demais ter complexo. Eu poderia estar ali no lugar dela, não poderia? Então por que me preocuparia com detalhes tão mínimos?

Fiquei de pé e ajeitei minha jaqueta de couro, mantendo a gola fechada com uma das mãos. O vento frio junto àquela finíssima garoa gelada era de amargar.

Minha avó ainda orava e eu teria que esperar. Olhei ao redor e percebi que cada vez chegava mais gente, pensei que quanto mais minha avó demorasse com suas preces, menores seriam as chances de sairmos dali a tempo de chegar em casa para o almoço.

Virei minha atenção para a esquerda e vi que as portas azuis daquele túmulo que admirei a beleza há poucos minutos, encontravam-se abertas. Sem me preocupar com o tempo

que vovó levaria em suas lamentações, me peguei caminhando devagar e parando há poucos metros do local.

Naquele momento, a curiosidade falou mais alto do que tudo. Eu me surpreendi comigo mesma, porque não costumava ser assim.

Pelo que pude observar meio de longe, aquele túmulo não era de uma família toda como imaginei. Tinha apenas um caixão, que não ocupava nem um terço de todo aquele espaço. Era um belo caixão, branco. Mas o que me intrigou mesmo foi o garoto que estava ali dentro. Primeiro achei que fosse uma garota, por causa do rosto delicado e dos longos cabelos loiros, mas bastou avançar alguns passos para me certificar de que era uma pessoa do sexo masculino, de mais ou menos uns dezessete anos, ou seja, quase da minha idade.

Ele usava um jeans surrado, rasgado, e por cima um sobretudo preto de lã, com o comprimento até os joelhos. O movimento dos meus olhos acompanharam o movimento de suas mãos, encobertas por uma luva preta aparentemente feita da mesma lã do casaco, que deixava à mostra apenas os seus dedos e espalhava pétalas de flores mortas por cima do caixão.

Quando dei por mim, me desconhecendo totalmente, estava parada na porta, perguntando:

— Por que está oferecendo flores mortas?

Em silêncio, ele parou de jogá-las para me olhar. Seus olhos eram grandes, de um verde muito claro, matizado com cinza.

— Elas irão morrer de qualquer maneira. – ele me respondeu retornando ao seu ritual.

Nisso, minha avó me chamou, apressada. Queria chegar em casa ao menos a tempo para o almoço.

II

Às três da tarde, quando vovó estourava na panela sua deliciosa pipoca doce colorida, Sunny, minha melhor amiga daquela cidade, apareceu. Vovó brincou, dizendo que ela tinha chegado na hora certa. Não achei isso quando reparei as velas e flores em suas mãos.

— Me acompanha ao cemitério, Julia? – suplicou docilmente – Odeio ir só àquele lugar, me dá arrepios.

— E por que não foi com seus pais? – perguntou meu avô, que sentava-se junto a mim à mesa.

— Ah... eu não queria acordar tão cedo.

Quem me dera poder ter tido essa opção. Minha avó simplesmente me arrastou para o cemitério antes mesmo do galo cantar! Que exagero, né? Mas que invejei minha amiga, isso eu invejei!

— Vamos, Julia? – continuou implorando.

Suspirei. Ah, acho que não estava com estrutura pra fazer tudo de novo. Enfrentar aquele bando de gente, que àquela altura deveria estar bem pior do que de manhã, encarar aquele baixo astral outra vez, aquela garoa fria...

— Pôxa, Julia, tenho que visitar meus avós. Você devia agradecer a Deus por ter todos eles vivos! – acentuou em tom de bronca. Uma bronca repleta de mágoa.

O que ela estava querendo? Afetar minha consciência?

Pois consegui. Num segundo suspiro, concordei:

— Tá legal, Sunny. Mas vamos comer pipoca doce primeiro.

Foi minha única exigência. Sunny vibrou.

O cemitério não estava tão abarrotado quanto pensei. Pra falar a verdade, nem tinha muita gente. Era indiscutível, essa idéia de levantar cedo para não encarar lotação era uma

idéia de jerico. Os poucos espertos que restaram na cidade estavam homenageando seus mortos naquele horário e agora dava para caminhar por lá bem mais livremente.

— Onde ficam os túmulos de seus avós? – perguntei.

— É logo ali. – apontou para os fundos.

Faltando um bom pedaço para chegar nos tais túmulos, parei de imediato, assustando Sunny, que acabou por fazer o mesmo.

Meu Deus! Aquele garoto ainda estava lá, do mesmo jeito que de manhã, espalhando as flores mortas sobre aquele caixão. Assombrada, comentei isso à minha amiga, que exclamou dando pouca importância:

— Ah! Esse garoto é pinel! – girou o dedo indicador perto da cabeça, num gesto descritivo de loucura. – Não se assuste com isso.

E voltou a andar.

— Mas quem é ele? – indaguei acompanhando-a – Onde ele mora?

— Aqui. – ela respondeu com a maior naturalidade.

Assim que viu meus olhos esbugalhar, ela riu, dando uma explicação mais cabível:

— Ele vive aqui no cemitério, passa a maior parte do tempo ao lado do caixão da mãe, atirando jasmims mortos sobre ele. Dizem que antes do acidente era um garoto bem saudável, mas depois, enlouqueceu. Virou caso de hospício, entende? Ele fica aí, alienado. Acho que nem banho toma, você viu como ele é mal cuidado? O seu pai desistiu de ajudar, a família largou mão.

— Coitado...

Chegamos aos túmulos e fizemos nossa homenagem. Eu homenageei daquele meu jeito e aquelas pobres almas que me perdoem, mas minha mente só tinha lugar para aquele garoto naquela ocasião. Pensando bem, tinha notado que ele não era um adolescente bem cuidado, seu jeans estava encardido, desbotado, seus cabelos oleosos... Mas acho que banho ele tomava, porque não cheirava mal, fazia falta apenas se cuidar mais um pouco.

Após os rituais, cada uma foi para sua casa. Me deitei no sofá e decidi descansar.

Meu corpo até que tentou, mas minha cabeça não permitiu. Fiquei encucada com aquele rapaz, não sei porque sua atitude despertou meu interesse. Interesse meio mórbido, não? Mas fugia ao meu controle. Sei lá, eu queria entender, queria poder conversar com ele...

Aí então eu pensei: “Por que não?” Pulei do sofá e rumei para o cemitério, adiando o horário de descansar. Tinha uma eternidade toda de descanso à minha espera assim que eu morresse.

III

Às cinco da tarde o cemitério já estava praticamente vazio. A garoa insistente agora ia se transformando aos poucos em chuva e novamente senti a necessidade de proteger a pele fina do meu pescoço com a gola da jaqueta. Caminhei, entre um olhar curioso e outro, até o túmulo gigantesco. Ele mais parecia um panteão de alguém muito importante. Bem, talvez fosse... As portas ainda estavam abertas e o garoto ainda estava lá. Sua cota de flores mortas havia terminado e ele agora sentava ao lado do caixão, no piso branco e frio. As pernas abertas e dobradas, apoiando os braços que descansavam sobre seus joelhos.

Não ousei aproximar-me mais do que da porta. Seus olhos verdes, que até então miravam o chão onde se acomodava, agora se erguiam para o meu rosto. Emudeci. O que ele estaria pensando de mim? Estava achando melhor dar meia volta e esquecer tudo aquilo. Era loucura. Enquanto esperava a pior das reações, tudo o que ele fez foi me cumprimentar com cuidado, mas de modo bem informal:

— Oi.

— Oi. – respondi com a voz fraca, me sentindo uma tola, uma intrometida, sei lá!

Uma breve e serena pausa e ele me pergunta:

— Veio visitar alguém? Algum amigo, um ente querido?

Depois de pensar um pouco, respondi com aquela mesma voz insegura:

— Entes queridos.

Ele se levantou num sobressalto, me assustando. Depois debruçou-se no caixão e começou a acariciá-lo, fazendo com que algumas das flores mortas caíssem ao chão.

— Minha mãe morreu num acidente trágico de carro.

— É, eu sei.

Seu rosto perturbado me fez acordar e ver que deixei escapar o que não devia.

— S-sabe? – balbuciou com insegurança. Em seguida deu um riso inconformado e meneou a cabeça. – É claro que sabe. Já faz um ano e minha dedicação à alma de minha mãe continua sendo sempre novidade para esse povo. Eles não cansam de falar de mim e me observar.

Observar... Deus do Céu, era o que eu estava fazendo!

— Mas tudo bem. Tenho a impressão que você não veio até aqui por pura mediocridade. – afirmou afastando-se um pouco do caixão e se aproximando de mim – Parece que está disposta a ouvir minha história com boas intenções, não é mesmo? – seu olhar estreitou por um segundo. Eu só fiz que sim. – Entre. – convidou.

Meus sentidos foram contra meu raciocínio e eu entrei. Agora estava ali, parada em frente àquele garoto estranho, tão perto dele. O lugar era ainda mais bonito por dentro, havia uma porta de madeira envernizada à direita, em frente ao caixão, fechada. E um lustre magnífico no teto.

— Eu estava no acidente também, vi minha mãe morrer. – contou com o queixo tremendo, fazendo um esforço enorme para não cair aos prantos. – Não pude fazer nada. Foi um acidente tão... feio. Estávamos na estrada, íamos passar as férias na Califórnia, quando de repente... crás! – chocou uma mão fechada contra a palma da outra – Um carro bateu de frente com o nosso. Foi horrível. – fechou os olhos por uns instantes, como se isso pudesse apagar as lembranças.

— Eu também estive num acidente. – confessei.

A que ponto chegara minha carência afetiva? Eu pensava. Estava desabafando com um estranho!

— Minha tia não sobreviveu, ela está enterrada aqui. Vim visitá-la hoje de manhã.

— É... e você dá graças a Deus que sobreviveu, não é? Sabe, eu não vejo muito sentido nisso.

Esse seu comentário fez com que me sentisse culpada. Logo tomei o maior susto quando ele virou-se de lado para olhar para o caixão. As cicatrizes em seu pescoço eram iguaizinhas as minhas!

— Só eu venho visitar minha mãe. – falou olhando para o meu rosto espantado, ignorando tal espanto. – Meu pai, depois que arranjou outra mulher, nem quer mais saber da gente. Não liga mais pra mim, muito menos para a minha mãe morta.

Me pegando de surpresa, ele tomou minha mão e passeou delicadamente os dedos sobre ela, contornando as cicatrizes.

— Você não se envergonha disso, não é? – perguntou me olhando por baixo. Na sinceridade, fiz que não.

Nossa! Eu não conseguia pronunciar um monossílabo que fosse!

— Você gosta de jasmim?

Encolhi a sobrancelha, confusa.

— A flor, jasmim. – explicou – Reparou que aqui não tem jasmim?

Era verdade. Aquele foi o primeiro cemitério que visitei que não havia jasmim!

— Há das mais belas rosas às trepadeiras diversas e divinas, copos de leite... mas jasmim, não. Jasmim era a flor preferida da minha mãe sabia? – fez uma breve pausa, me olhando profundamente nos olhos. – E a minha também. Sabe, eu até tentei plantar jasmim aqui, mas ele não vingou.

— Você tentou plantar jasmim aqui, no cemitério?

— Tentei.

Que loucura!

— Não existe aroma como o do jasmim. Minha mãe adoraria senti-lo... eu também adoro.

— Então por que você traz jasmims mortos para ela?

Ele me deu a mesma resposta que dera de manhã:

— Elas irão morrer de qualquer maneira.

Um pequeno silêncio nos invadiu, que ele tratou logo de romper com delicadeza:

— Eu tenho um pouco de vergonha, sabe? Das cicatrizes. – encolheu os ombros, sem jeito. – É por isso que uso essas luvas. – exibiu um sorriso tímido. Tímido e extremamente triste.

Quando falou isso é que fui me dar conta de que ele ainda segurava minha mão. Num instinto que não conhecia, apertei-a com força e com a outra mão, acariciei seus cabelos, em seguida seu belo rosto. Contornei cada traço daquele belo rosto com a ponta dos meus dedos.

— Não precisa ter vergonha de nada, você é tão lindo! – exclamei quase chorando.

Ele fechou os olhos e deixou escorrer uma lágrima. Uma lágrima que morreu na metade do caminho, em meus lábios, que em poucos segundos encontrou-se com os lábios dele. Foi o beijo mais longo e suave, o beijo mais divino de toda a minha existência. Seus lábios eram tão doces, tão macios...

Fui arrancada do transe quando ele, largando minha mão, deu um passo atrás.

— Minha mãe me disse uma vez que, se algum dia eu fosse amado de verdade, seria de repente e os jasmims já não mais morreriam. Você me ama? – ele perguntava com uma lágrima atrás da outra escorrendo por suas faces. – Você me ama?

Eu não sabia o que responder, acabava de conhecê-lo, como poderia afirmar que o amava? Mas ele parecia estar precisando tanto ouvir isso... Acho que o que tinha não era loucura, e sim, uma absurda carência.

— Qual é o seu nome? – perguntei.

— Dennis. – me respondeu chorando, debruçando-se no caixão da mãe.

Vi que uma de suas lágrimas caiu num dos jasmims mortos que estavam em cima do caixão, dissolvendo-se.

— É um belo nome. – elogiei. Minhas lágrimas já queriam vir à tona também.

Parando de chorar e sem dizer mais uma palavra, com o rosto ainda vermelho e meio úmido pelas lágrimas derramadas, ele me sorriu com um olhar sereno. Retribuí ao sorriso, confusa demais para perceber o que estava acontecendo. Apenas vivia o momento.

Afastando-se do caixão e chegando perto de mim, ele deu um beijo quente e úmido em minha testa. Pude sentir sua respiração, calma, em minha pele, fechei até os olhos para absorver melhor aquela paz.

Ainda calado, ele abriu a porta envernizada e entrou numa pequena sala que havia ali. Sem perceber nada, acompanhei seus passos e não ficamos por lá muito tempo. Bem, ele não ficou por lá, saiu pela porta aberta que tinha nos fundos, caminhando pelo gramado verde.

— Dennis! – chamei daquela porta – Aonde você vai?

Chamei umas duas vezes e desisti. Não me daria ouvidos mesmo.

— Garoto maluco! – disse comigo mesma, me virando para tomar o caminho de volta.

Bastou eu me virar para sentir um forte aroma de jasmim invadir o ambiente. Quando olhei bem onde eu estava, me deu um tremendo gelo. Ao meu lado direito havia um outro caixão, escuro e um quadro enorme na parede com uma inscrição escrita em letras góticas:

“Dennis McCarthy, nascido em 07 de outubro de 1975, morto tragicamente em 20 de fevereiro de 1992 (o mesmo dia do acidente de minha tia!!!). Estará sempre vivo em nossa memória”.

Com certeza. Em minha memória, com certeza. Como poderia esquecer aquele rosto lindo do quadro, com aquele sorriso cativante que conheci pessoalmente?

Agora todos os anos passo o feriado do Dia de Finados com meus avós e levo muitos jasmims para Dennis. E todos os anos tenho viva a prova de um amor que não me sentia apta a conciliar naquele momento.

Sempre que vou substituir os jasmims, me deparo com eles alvos, tão lindos quanto os trouxe no ano anterior.



A AUTORA

Tina Black Rose nasceu na cidade de Curitiba – Paraná (Brasil) e dedica-se à literatura desde os nove anos de idade.

Suas obras não se limitam a apenas um gênero, indo de dramas, romances, literatura gótica até contos de terror.

É editora de 2 fanzines, o **Wizard**, muito conhecido em território brasileiro e que é especializado em rock e o **Seres Soturnos**, de cultura gótica.

Em 2002, participou da Antologia de Contos e Crônicas da Editora Scortecci na **17ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo** com o conto **Seres Soturnos**.

Contatos: tblackrose111@yahoo.com.br